

Gilberto Scofield Jr.
Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ
Email:
gilberto.scofield@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Extração secreta de dados, lucro e manipulação: A lógica econômica do capitalismo de vigilância

*Covert data extraction, profit and
manipulation:
The economic logic of surveillane capitalism*

*Extracción de datos secretos, beneficio
y manipulación:
La lógica económica del capitalismo
vigilancia*

Scofield Jr., G. Extração secreta de dados, lucro e manipulação: A
lógica econômica do capitalismo de vigilância. Revista Eco-Pós,
26(01), 577–586. [https://doi.org/10.29146/eco-
ps.v26i01.28064](https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28064)

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>
ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

RESUMO

Nesta resenha, procura-se apresentar os principais pontos do livro *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*, da professora emérita da Harvard Business School, Shoshana Zuboff, lançado em 2021 pela Editora Intrínseca. O texto observa que a falta de diálogo mais consistente, do ponto de vista teórico, com outros conceitos e regimes próprios da era digital pós-industrial, marcada pela troca de produtos e serviços intangíveis e pelo reinado das plataformas de tecnologia e redes sociais, não apaga o mérito do detalhamento narrativo sobre as tecnologias de captura de superávit comportamental na internet e a criação de produtos de predição que acabam moldando comportamentos humanos ao sabor do que autora chama de "o Grande Outro", um conjunto de operações corporativas de mineração, modelagem e inteligência de dados que para ela é cada dia mais uma ameaça à própria soberania humana.

PALAVRAS-CHAVE: *Capitalismo de vigilância; Mercado de predição; Datificação; Regulação de plataformas.*

ABSTRACT

This review seeks to present the main points of the book *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*, by emeritus professor at Harvard Business School, Shoshana Zuboff. The text observes that the lack of a more consistent dialogue, from a theoretical point of view, with other concepts and regimes typical of the post-industrial digital era, marked by the exchange of intangible products and services and the reign of technology platforms and social networks, does not erase the merit of the narrative detail about technologies for capturing behavioral surplus on the internet and the creation of prediction products that end up shaping human behavior according to what the author calls "the Great Other": a set of corporate operations of mining, modeling and data intelligence, which for her is increasingly a threat to human sovereignty itself.

KEYWORDS: *Surveillance capitalism; Prediction market; Datafication; Platform regulation.*

RESUMEN

Esta reseña busca presentar los puntos principales del libro "La era del capitalismo de vigilancia: la lucha por un futuro humano en la nueva frontera del poder", de la profesora emérita de la Escuela de Negocios de Harvard, Shoshana Zuboff. El texto observa que la falta de un diálogo más consistente, desde un punto de vista teórico, con otros conceptos y regímenes propios de la era digital posindustrial, marcada por el intercambio de productos y servicios intangibles y el reinado de las plataformas tecnológicas y sociales redes, no borra el mérito del detalle narrativo sobre las tecnologías de captura del excedente conductual en internet y la creación de productos de predicción que terminan moldeando el comportamiento humano al gusto de lo que el autor llama "el Gran Otro", un conjunto de operaciones de minería, modelado e inteligencia de datos, que para ella es cada vez más una amenaza a la propia soberanía humana.

PALABRAS CLAVE: *capitalismo de vigilancia, mercado de predicción, datificación, regulación de plataformas*

Submetido em 23 de maio de 2023

Aceito em 20 de junho de 2023

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

Shoshana Zuboff é professora emérita da Harvard Business School, onde entrou como docente ainda em 1981, e na melhor tradição das especializações múltiplas que caracterizam as carreiras de muitos pesquisadores americanos, o bacharelado em filosofia pela Universidade de Chicago e o doutorado em psicologia social por Harvard a equiparam para uma inquietação analítica transdisciplinar diante das várias frentes de mudanças sociais, culturais, econômicas e de psicologia social desde o fim do século passado. Zuboff aplicou essa abordagem multifacetada ao livro *In the Age of the Smart Machine: The Future of Work and Power*, publicado ainda em 1988, no qual buscava medir o impacto da popularização dos computadores e da tecnologia da informação nas empresas e, principalmente, no mercado de trabalho. Em 2004, ela escreveu com o marido Jim Maxmin, falecido em 2016, o livro *Support Economy: Why Corporations Are Failing Individuals and the Next Episode of Capitalism*, no qual a dupla denunciava a distância entre as corporações, seus empregados e consumidores e alertava para o desgaste e o cansaço provocados por um capitalismo em que a maximização do lucro acabou dando às estratégias de marketing um peso igual ou maior que a atividade-fim empresarial.

O mais recente livro de Zuboff, *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder* é outro alerta, mais urgente: após detalhar a construção de um regime econômico batizado de "capitalismo de vigilância", Zuboff aponta sua natureza autoritária e manipuladora que, se não contida, será uma ameaça real à soberania individual e aos regimes democráticos mundo afora. Parece uma narrativa complexa, mas a autora é uma acadêmica de perfil midiático: tem um concorrido portal na internet e faz constantes aparições em debates e entrevistas em grandes mídias da Europa e dos EUA, o que acaba se revelando um trunfo. Apesar de suas 800 páginas, *A era do capitalismo de vigilância*, lançado em 2021, flui facilmente e exhibe uma autora competente na tarefa de pegar seu leitor pela mão e ir levando-o com tranquilidade por um texto ora narrativo, ora reflexivo sobre uma trinca pouco amigável: regimes econômicos, tecnologia de dados e cenários de fim de mundo. Para tanto, contou com a ajuda do tradutor George Schlesinger, que coloca em bases sólidas de português, de forma descomplicada, um terreno ideologicamente movediço — novos paradigmas — explicado em inglês.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

Mas o que é, afinal, capitalismo de vigilância? Logo na introdução, a autora oferece oito abordagens que vão da síntese acadêmica — "uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas" (Zuboff, 2021, p. 13) — até visões pessimistas — "uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX" (Ibidem, p. 13). A tese de Zuboff usa o *Google* como ponto central do regime predatório sobre o qual disserta. Trata-se de uma plataforma de buscas que, na intenção de tudo encontrar para ampliar o acesso humano ao conhecimento, acabou se tornando a maior plataforma de acesso, por gente nem sempre bem-intencionada, ao conhecimento do que fazem e pensam os seres humanos. A empresa é comparada, em capacidade disruptiva, à *General Motors*, considerada por muitos como a criadora do conceito de capitalismo industrial de base gerencial. O que fez o *Google* com primazia, seguido de outras plataformas, como *Facebook*, *Microsoft* e *Amazon*, foi entender que o valor do serviço que prestam não está exatamente na busca, no entretenimento ou nas vendas, mas na coleta de dados sobre o que procuram as pessoas — seus desejos, seus interesses, suas repulsas, suas manias, seus vieses, suas crenças, seus hábitos.

Este pequeno ato individual de busca, que se assemelha aos cliques, *likes* e compartilhamentos em outras redes, ajuda a criar um gigantesco banco de dados de comportamento humano, que é a principal matéria-prima superavitária — a sobra da informação que as plataformas precisam para entender o que usuário procura — do novo regime. Zuboff explica minuciosamente como a doação espontânea do comportamento em rede alimenta um ciclo de extração, predição e venda de dados humanos. Isso significa que os dados são extraídos sem que o usuário tenha noção do que lhe está sendo tirado. A partir da análise desses dados, as plataformas buscam antecipar o que as pessoas farão ou consumirão no futuro, o que ela chama de *mercados de comportamentos futuros*. E, por fim, a autora detalha o que considera mais perigoso: com todo esse conhecimento, a inteligência artificial ajuda a produzir resultados ou destacar conteúdos que incentivam e moldam comportamentos na direção do que seja mais lucrativo para a plataforma. É o que Zuboff chama de *instrumentarismo*, um poder que manipula o comportamento das pessoas em prol do regime. Afinal, os dados minerados pelas plataformas são vendidos para terceiros lucrarem com os hábitos orgânicos ou induzidos. Qual

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

empresa não quer saber o que farão seus consumidores amanhã ou ano que vem? Ganham as plataformas, ganham as empresas que compram os dados, perdem as pessoas, que apenas acham que estão no controle do tempo que passam na internet e que é cada vez maior (Young, 1996; 1997).

A própria Zuboff fala dos efeitos desse círculo vicioso à medida que o *Google* e outras empresas que se alimentam do ciclo de extração, predição e venda de dados pessoais — todo esse grupo é chamado de "o Grande Outro" — ampliam seu alcance para recursos de geolocalização, auxiliares de voz de comando, mapas interativos, internet das coisas, roupas inteligentes, serviços de inteligência artificial, aplicativos de monitoramento de saúde, carros automáticos, entre outros serviços:

Os capitalistas de vigilância descobriram que os dados comportamentais mais preditivos provêm da intervenção no jogo de modo a incentivar, persuadir, sintonizar e arrebatar comportamento em busca de resultados lucrativos. Pressões de natureza competitiva provocaram a mudança, na qual processos de máquina automatizados não só conhecem nosso comportamento, como também moldam nosso comportamento em escala. Com tal reorientação transformando conhecimento em poder, não basta mais automatizar o fluxo de informação sobre nós; a meta agora é nos automatizar (Zuboff, 2021, p. 22).

O que tornou esse ambiente possível, diz a autora, foi a rapidez da evolução da tecnologia, aliada à falta de concorrência típica de novos negócios, falta de regulamentação pública e à ideia de que, em termos tecnológicos e financeiros, a autorregulamentação intocável pelo Estado, mandamento pétreo do manual liberal, é o caminho mais eficiente e sustentável.

Como pioneiro do capitalismo de vigilância, o *Google* lançou uma operação de mercado sem precedentes nos espaços não mapeados da internet, onde enfrentou poucos impedimentos jurídicos ou de concorrentes, como uma espécie invasora num ambiente livre de predadores naturais. Seus dirigentes conduziram a coerência sistêmica de seu negócio num ritmo temerário, que nem instituições públicas nem indivíduos conseguiram acompanhar. O *Google* também se beneficiou de acontecimentos históricos quando o aparato de segurança nacional, galvanizado pelos ataques de 11 de setembro, estava predisposto a alimentar, imitar, proteger e se apropriar das emergentes capacidades do capitalismo de vigilância em nome de um conhecimento total e sua promessa de certeza absoluta (Zuboff, 2021, p. 24).

As três partes que dividem o livro — "As bases do capitalismo de vigilância", "O avanço do capitalismo de vigilância" e "Poder instrumentário para uma terceira modernidade"—, ainda

que carentes de uma edição que eliminasse redundâncias, explicam com rigor científico e clareza histórica e conceitual um regime de base tecno-econômica que inclui uma elite corporativa encarada hoje pelo planeta como solucionadora de problemas mundiais. É impecável a analogia da ascensão do *Google* com a aventura de Cristóvão Colombo pelas Antilhas em 1492. Diz Zuboff:

Menos de um dia depois, (Colombo) ancorou na costa de uma ilha maior conhecida pelo seu povo como Quisqueya ou Bohio, colocando em ação o que os historiadores chamam de “padrão da conquista”. Trata-se de um projeto que se desenrola em três fases: a invenção de medidas legalistas que oferecem à invasão um verniz de justificativa, uma declaração de reivindicações territoriais e a fundação de uma cidade para legitimar e institucionalizar a conquista (Zuboff, 2021, p. 273).

É a invasão vendida como "acordo", o saque precedido de avisos que ninguém ouvia na época e ninguém lê hoje nas redes antes de concordar com *cookies* e políticas de privacidade opacas. Com a porta da extração de dados pessoais aberta, fica fácil a captura desses dados e seu uso na moldagem da percepção nas redes de acordo com aquilo com o qual a plataforma quer lucrar.

Ainda que a autora desfile um sem-número de pesquisadores para fundamentar suas teorias tanto sobre a evolução capitalista quanto sobre o efeito do uso da internet no comportamento social, é interessante notar que a ideia de emergência de uma poderosa rede interconectada de computadores ditando comportamentos é um fenômeno estudado há décadas. Em *A era do capitalismo de vigilância*, conceitos como "sociedade em rede" (Castells, 2009), "cultura da conexão" (Jenkins *et al.*, 2014), "capitalismo de plataforma" (Srnicek, 2017), "colonialismo de dados" (Couldry; Mejias, 2018) ou o mais recente "tecnofeudalismo" (Duran, 2021) não são referenciados, como se a autora fosse a única e definitiva analista de um fenômeno que vem sendo considerado hoje como uma ameaça a regimes democráticos pelo mundo e, portanto, objeto de análise de várias disciplinas acadêmicas. Seria interessante entender a percepção de Zuboff sobre essas abordagens, já que sua própria tese é alvo de críticas de outros estudiosos que acompanham de perto o mesmo fenômeno e fazem análises comparativas, como o bielorusso Evgeny Morozov (2022) fez recentemente na *New Left Review* ao discutir justamente a lógica da economia digital hoje: é capitalista ou feudal? A obra de Zuboff é citada dentro desse embate conceitual:

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

Apesar de toda a linguagem estridente sobre os usuários como “povos nativos”, ‘A era do capitalismo de vigilância’ deixa poucas dúvidas de que a “desapropriação” (dos dados) é realizada por meio de moderna tecnologia e em escala industrial – o que supostamente faz com que pareça capitalista. Para Zuboff, porém, “capitalismo” é algo que as empresas “cometem”, como uma gafe ou um crime. Se a formulação soa estranha, é uma representação precisa de como ela entende esse ‘ismo’ particular: em geral, “capitalismo” é o que acontece com os humanos quando as empresas produzem (MOROZOV, 2022).

O próprio arcabouço conceitual do capitalismo de vigilância, tratada por Zuboff como uma disfunção decorrente do uso predatório da tecnologia de dados e informação num ambiente capitalista de inspiração (hiper) individualista liberal, permite críticas pertinentes, inclusive já elaboradas por estudiosos brasileiros do fenômeno da desinformação e do ambiente desregulado das plataformas. Os efeitos do capitalismo tecnológico sobre as populações manifestam-se de forma diferenciada pelo mundo. Aquilo que é claramente a descrição da evolução da economia da informação no eixo EUA-Europa Ocidental feito por Zuboff não encontra eco em outros países, especialmente os periféricos do *Global South* e seus diferentes estágios de alcance da internet pela população ou características de governo (Rego, 2022). Isso se percebe no maior ataque de DDoS da História, feito por hackers chineses contra o *Google* há mais de 10 anos ou dos países entre si, como a disputa entre China e Estados Unidos pela primazia na base de desenvolvimento e uso da tecnologia 5G (Martins, 2022).

O papel do Estado no regime de vigilância é um tema que ganha atenção restrita. Há muito uso de tecnologia de captura de dados pessoais por governos em ações de controle social foucaultianas, como a adoção de biometrias para classificação populacional (já há tempos uma realidade na China), uso de drones em ações policiais urbanas, espionagem e destruição on-line de jornalistas, entre outros exemplos (Martins, 2022). Esse debate fica de fora. Isto posto, é absolutamente eletrizante a pormenorizada descrição da porta giratória que une os militares e serviços de inteligência dos EUA com as empresas de tecnologia do Vale do Silício na Califórnia, berço das grandes *Big Techs* criticadas em *A era do capitalismo de vigilância*. Servidores públicos saem do governo para as empresas e vice-versa, numa falta de ética escandalosa.

E aqui está talvez o grande trunfo de *A era do capitalismo de vigilância*: o relato da evolução tecnológica do “Grande Outro” não como uma tentativa perene de melhora da vida coletiva ou como uma heureka exclamada durante o banho, mas como um instrumento de

dominação desenvolvido com o propósito claro de poder e riqueza. Neste aspecto, o livro de Zuboff é tomado por indisfarçável iconoclastia tecnológica. Para a autora, a tecnologia não é um fenômeno inevitável ou fora do controle humano, como parece apontar a atual discussão sobre a amplitude nos serviços de inteligência artificial, por exemplo. Há, entre a elite executiva das empresas de tecnologia e entre os próprios profissionais que dela se beneficiam financeiramente, a ideia de que a tecnologia é algo espontâneo ao qual todos devem se subjuar sem questionamento ou qualquer tentativa de mediação. Uma espécie de evolução óbvia que todos precisamos aceitar com a certeza de que a vida vai melhorar a partir dali.

Não podemos avaliar a atual trajetória da civilização da informação sem deixar evidente que a tecnologia não é e nunca deve ser um fim em si, isolado da economia e da sociedade. Isso significa que a inevitabilidade tecnológica não existe. Tecnologias são sempre meios econômicos, não fins em si: nos tempos modernos, o DNA da tecnologia já vem padronizado por aquilo que o sociólogo Max Weber chamou de "orientação econômica" (Zuboff, 2021, p. 33).

Em outras palavras: tecnologias não brotam do chão. São projetos acalentados e maturados por sujeitos específicos com interesses idem. É uma das mais importantes percepções do livro e que parece ainda não ter sido devidamente apre(e)ndida pela sociedade escrutinada, vasculhada, depenada e manipulada até agora.

Não faltam afirmações que tocam em questões relevantes, mas pontos interessantes passam sem o devido aprofundamento. Isso ocorre quando Zuboff especula: "se a civilização industrial floresceu às custas da natureza e agora ameaça nos custar a Terra, uma civilização de informação moldada pelo capitalismo de vigilância haverá de prosperar à custa da natureza humana e ameaça nos custar nossa humanidade" (Zuboff, 2021, p. 515). É de se esperar algum detalhamento sobre esses custos ou soluções práticas para evitá-los, o que não acontece nem na conclusão do livro. Mas *A era do capitalismo de vigilância* não deixa de provocar indignação a cada página, alertando para o fato de que o mundo corporativo da tecnologia trabalha essencialmente com a insegurança das pessoas, nutrindo comparações descabidas e criando padrões inalcançáveis de como ser... humano. Há alertas sobre a falta de transparência dessas empresas (o caso de *Cambridge Analytica* e o *Facebook* é só um exemplo mais conhecido), o que faz lembrar os comunicados ou respostas de empresas como *Google*, *Meta* ou *YouTube* quando confrontados por governos ou pela imprensa a respeito de conteúdos indesejáveis. Há nessas

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

empresas um nível absurdo de controle sobre a governança corporativa, com pouquíssima transparência em relação a praticamente tudo, incluindo explicações — e silêncios — sobre determinadas ações ou a falta delas (manter ou retirar um conteúdo impróprio do ar, por exemplo).

Zuboff conclui sua jornada não com sugestões de ações, mas apelos por reação e ameaças sobre a democracia, o que faz o epílogo soar mais frágil que o esperado. Talvez pelo próprio histórico de simbiose amoral entre as corporações do "Grande Outro" e a máquina pública americana, a autora não espera nada do governo dos EUA. Mas se escrevesse o livro hoje, num momento pós-invasões do Capitólio, na capital americana, ou na sede dos Três Poderes em Brasília, talvez a conclusão fosse diferente. A própria União Europeia já possui forte regulação das plataformas, um tema que mobiliza autoridades em vários países. A despeito disso, o apelo final à reação feito por Zuboff a cidadãos, jornalistas e acadêmicos — e que inclui uma referência ao filósofo de Harvard, o brasileiro Roberto Mangabeira Unger, de que não há determinismo na evolução capitalista — é um imperativo dos tempos atuais. A autora conclui descrevendo a luta do escritor George Orwell, um especialista em distopias autoritárias, contra o fascismo para justificar seu apelo ao confronto:

Atrito, coragem e sentido de direção são os recursos que requeremos para iniciar o trabalho compartilhado de declarações sintéticas que reclamem o futuro digital como lugar humano, exijam que o capitalismo digital aja como força inclusiva atada às pessoas a quem deve servir e defendam a divisão de aprendizagem na sociedade como fonte de renovação democrática genuína (Zuboff, 2021, p. 764)

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. *Television and New Media*, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2018.

DURAN, Cédric. *Tecnofeudalismo: crítica de la economía digital*. San Sebastián: Editorial Kaxilda, 2021.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado através da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28064

MARTINS, Helena. A vigilância no capitalismo contemporâneo: olhar desde a economia política da comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (e-Compós)*, v. 25, p. 1-19, jan./dez. 2022. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2592/2096> Acesso em 25/03/2023>. Acesso em:

MOROZOV, Evgeny. Critique of Techno-feudal Reason. *New Left Review*, n. 133-134, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://newleftreview.org/issues/ii133/articles/evgeny-morozov-critique-of-techno-feudal-reason>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

REGO, Ana Regina. A experiência do Google como panóptico. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 24, n. 3, p. 98-108, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/25660/60749417>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SRNICEK, N. *Platform Capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2017.

YOUNG, K. S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. In: *104th Annual Meeting of the American Psychological Association*, Toronto, Canadá, 1996.

_____. What Makes the Internet Addictive: Potential Explanations for Pathological Internet Use. In: *105th Annual Conference of the American Psychological Association*, Chicago, 1997.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Gilberto Scofield Jr. – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Consultor de Educação Midiática e Digital na Lupa. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas na Escola de Comunicação da UFRJ. MBA em Marketing e Comunicação Digital na FGV.
Email: gilberto.scofield@gmail.com